



# História, sentido e liberdade em Henri-Irénée Marrou

R I C A R D O F I G U E I R E D O

Doutorando em Teologia da Universidade Católica Portuguesa  
rfofigueiredo@sapo.pt

**Resumo:** Henri-Irénée Marrou (1904-1977) foi um historiador que, a par com a investigação histórica, desenvolveu a elaboração de um pensamento teológico sobre a própria História, com grande influência agostiniana. A reflexão teológica sobre a História encontra-se especialmente na obra *Teologia da História*, onde, por sua vez, surgem elementos para refletir o tema da predestinação. No presente artigo enquadra-se a referida obra no contexto teológico em que se desenvolve (1.ª parte); em seguida, ilustra-se o que Marrou refere a propósito da temática da predestinação (2.ª parte); finalmente, lançam-se as bases em vista de uma teologia da liberdade, na construção histórica sob o sinal da pertença e da vivência cristã (3.ª parte).

**Palavras-chave:** Henri-Irénée Marrou, Predestinação, Santo Agostinho, Liberdade.

## History, meaning and freedom in Henri-Irénée Marrou

**Abstract:** Henri-Irénée Marrou (1904-1977) was a historian who along with historical research developed a theological thinking about History itself, with great Augustinian influence. Theological reflection on History is present especially in *Theology of History*, where elements appear to reflect the theme of predestination. In the present article, this work is framed in the theological context in which it is developed (1st part); next, it is illustrated what Marrou refers on the subject of the predestination (2nd part); finally, lay the foundations for a theology of freedom, in the historical construction under the sign of belonging and Christian living (3rd part).

**Keywords:** Henri-Irénée Marrou, Predestination, Saint Agustin, Freedom.

## Introdução

A reflexão do historiador francês Henri-Irénée Marrou (1904-1977) vai muito além da estrita reflexão histórica como se costuma conceber, e aborda variadas temáticas próprias de outras áreas do saber, com especial relevo a teologia. Por essa razão, também nele se podem encontrar elementos que oferecem uma reflexão acerca do tema da predestinação. O seu pensamento reveste-se de particular importância na medida em que é um historiador que escreve sobre teologia. O encontro entre História e Teologia testemunha, antes de mais, a grande importância que ambas as disciplinas estabelecem entre si. Ambas se constituem como lugares cuja frequência tornará mais fecundo quer o trabalho do historiador, quer o trabalho do teólogo. Estudar o presente autor é, neste sentido, muito relevante, na medida em que na sua reflexão sobre a História conjuga ambas as perspetivas<sup>1</sup>.

Henri-Irénée Marrou nasceu a 12 de novembro de 1904, em Marselha (França), e faleceu a 11 de abril de 1977, em Bourg-la-Reine (França). A sua investigação histórica é conhecida e abrange muitos temas dos quais relevamos aquele sobre a Antiguidade e início da medievalidade (séculos IV a VII)<sup>2</sup>, a reflexão sobre a teoria da história<sup>3</sup> e muito especialmente os estudos em torno de Santo Agostinho<sup>4</sup>. Ensinou História Antiga nas Universidades do Cairo (Egipto), de Montpellier (França) e de Lyon (França) e, a partir de 1945, História do Cristianismo na Sorbonne de Paris (França). É de sublinhar também o seu grande contributo para a renovação dos estudos patrísticos no século XX<sup>5</sup>.

São bastante relevantes os seus estudos sobre o estatuto epistemológico da História. Primeiro, pela necessidade de objetivação do trabalho do historiador a partir das questões metodológicas. Segundo, pela defesa da inseparabilidade da leitura histórica proposta da visão do próprio historiador e das linhas interpretativas que o conduzem. Esta reflexão encontra-se particularmente na obra *Do conhecimento histórico*. Tem especial interesse notar que, para Marrou, não é possível separar-se o historiador da pessoa que vive, respira e ama. Desta inseparabilidade está dependente a

1 A este respeito, não devemos deixar de assinalar que o pensamento de Marrou conduz a elementos que virão a tornar-se centrais e doutrinários com o Concílio Vaticano II, em especial as presentes na Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo *Gaudium et spes* (cf. Pierre Riché – *Henri Irénée Marrou*. In *Historien engagé*. Paris: Éditions du Cerf, 2003, p. 198).

2 Henri-Irénée Marrou – *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*. Paris: Éditions du Seuil, 1948; Idem – De la persécution de Dioclétien à la mort de Grégoire le Grand (303-604). In *Nouvelle Histoire d'Église*. Dir. De L.-J. Rogier; R. Aubert; M. D. Knowles. Vol. 1: Des origines à Saint Grégoire le Grand. Paris: Éditions du Seuil, 1963, p. 259-514; Idem – *Décadence romaine ou antiquité tardive?: III-VI siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

3 Henri-Irénée Marrou – *Do conhecimento histórico*. Lisboa: Aster, 1974; Idem – *Teologia da História. O sentido da caminhada da humanidade através da temporalidade*. Petrópolis: Vozes, 1989.

4 Henri-Irénée Marrou – *Saint Augustin et la fin de la Culture Antique*. Paris: Éditions E. de Boccard, 1958; Idem – *Santo Agostinho e o agostinismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

5 Cf. Marie-Josèphe Rondeau – Jean Daniélou, Henri-Irénée Marrou et le renouveau des études patristiques. In *Les Pères de l'Église au XX<sup>e</sup> siècle. Histoire – Littérature – Théologie*. Paris: Éditions du Cerf, 1997, p. 351-378.

verdade da própria disciplina científica. Esta verdade “exige, da parte do sábio, uma certa inquietação metodológica, o cuidado de tomar consciência do mecanismo do seu comportamento, um certo esforço de reflexão sobre os problemas emergentes da ‘teoria do conhecimento’ implicados por este”<sup>6</sup>. Esta mesma consciência está presente quando Marrou reflete sobre o perfil intelectual de Santo Agostinho. Diz a respeito do Bispo de Hipona: “Esse especulativo, esse pensador é também um homem apaixonado, capaz de tantos ardores; a Verdade para ele não é apenas objeto de um conhecimento, mas também o objeto de um amor”<sup>7</sup>.

## 1. A *Teologia da História* de Marrou em contexto

Em 1968, Marrou publica a sua *Teologia da História*. Esta obra tem a sua génese em 1940 e passa por várias fases<sup>8</sup>. Entretanto, em 1955 é publicada a tradução francesa da *Teologia da História* de Hans Urs von Balthasar, cuja tradução, segundo parece, foi impulsionada pelo próprio Marrou<sup>9</sup>. Várias foram as aproximações à temática feitas por Marrou em algumas ocasiões<sup>10</sup>, mas desde cedo a importância de Santo Agostinho para o seu pensamento revelou-se também aqui. A obra de referência é a *Cidade de Deus*. Isto mesmo é reconhecido por Marrou: “o que se segue, ainda mais do que o ensaio precedente, origina-se e foi alimentado de uma longa frequência da obra agostiniana, mais particularmente da *Cidade de Deus*”<sup>11</sup>.

Nesta obra encontramos Marrou a trazer à colação o princípio definido antes, segundo o qual é inseparável o historiador da sua própria história pessoal. Por isso, afirma no primeiro capítulo: “Quem vai falar é somente um cristão sem mandato particular que se interroga sobre o conteúdo da sua fé”<sup>12</sup>.

A *Teologia da História* compreende quarenta e três capítulos bastante curtos, divididos em duas partes: na primeira, são desenvolvidos alguns fundamentos de ordem teórica sobre a teologia da história; na segunda, vários elementos de ordem mais prática. Relativamente à primeira parte, tem especial importância a consciência de que a fé – e, podemos mesmo dizer, a teologia – é inseparável da história. Desde o início, estas encontram-se ligadas e também não se pode conceber uma visão da história separada da fé das pessoas que trilharam os caminhos do mundo.

Marrou viveu o ambiente da Segunda Guerra Mundial e este facto é determinante para a sua visão da história. A conjuntura social e política marcou de forma

6 Henri-Iréné Marrou – *Do conhecimento histórico...*, p. 9.

7 Henri-Iréné Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 70.

8 Para a história da obra *Teologia da História*, veja-se Pierre Riché – *Henri Iréné Marrou...*, p. 188-190.

9 Cf. Pierre Riché – *Henri Iréné Marrou...*, p. 189.

10 Cf. Pierre Riché – *Henri Iréné Marrou...*, p. 189.

11 Henri-Iréné Marrou – *Teologia da História...*, p. 9.

12 Henri-Iréné Marrou – *Teologia da História...*, p. 9.

profunda o pensamento do historiador. São os momentos de catástrofe que despoletam a questão sobre o *sentido* da história. Estes permitem que o homem se encontre com os outros<sup>13</sup>. A fé e todos os vínculos são como postos à prova. Mas, afirma Marrou, bastava-nos a fé de que Deus existe para não colocar qualquer outra questão e pudéssemos assim passar, de forma radical, em paz pelas vicissitudes da História<sup>14</sup>.

## 2. A predestinação entre a história e o sentido

Santo Agostinho é para Henri-Irenée Marrou um verdadeiro guia na leitura e na compreensão da realidade. É também um mestre na arte de bem viver. Com efeito, o estudioso afirma que Agostinho “ensina-nos, com o exemplo, a arte de viver em tempos de catástrofe”<sup>15</sup>. É a integração de Santo Agostinho no seu tempo que permite a Marrou abordar a atitude do Bispo de Hipona a respeito da predestinação. Antes de mais, o tema da predestinação surge no debate com Pelágio. Este minimizava a ação divina a respeito da salvação do ser humano, reduzindo tudo a uma ação da vontade humana, à autodeterminação da pessoa e da sua vontade<sup>16</sup>. No confronto da doutrina pelagiana com o pensamento e a teologia de Agostinho, o que se reveste de maior importância é que a doutrina do primeiro contradiz teologia e a experiência interior do Bispo de Hipona como convertido<sup>17</sup>. Assim, a sua resposta, além de academicamente sustentada e refletida, apresenta também um cunho pessoal. O contexto de polémica acesa – motivada pela grande capacidade dos seus opositores<sup>18</sup> – levou à polarização de posições. Conclui Marrou:

“Nunca será demais insistir sobre a importância desse clima polémico e sobre as consequências que daí resultaram para a obra dos últimos anos de Santo Agostinho e para a orientação da sua influência. Deve, sobretudo, à polémica anti-pelagiana ter passado à posteridade, principalmente como teólogo do pecado original, da predestinação, da graça e como moralista da concupiscência e da miséria do homem abandonado às próprias forças”<sup>19</sup>.

13 Cf. Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 18.

14 Cf. Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 24.

15 Henri-Irenée Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 9.

16 Assim expõe Marrou a doutrina de Pelágio: “como bom monge (pois Pelágio era um asceta, unanimemente respeitado), como moralista preocupado com o progresso espiritual, insistia, sobretudo, no esforço que o homem deve despender, mas, à força de encarecer o livre arbítrio e a sua eficácia, isto levava-o a minimizar, quando não a negar o papel da intervenção divina, da predestinação e da graça na vida humana e na salvação” (Henri-Irenée Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 54).

17 Cf. Henri-Irenée Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 54.

18 Veja-se como decorreu o debate em Henri-Irenée Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 54-55.

19 Henri-Irenée Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 55, noutro lugar, Marrou lamenta este exagero de Agostinho: cf. Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 15.

É importante assinalar que o carácter extremo da posição agostiniana foi reconhecido pela ortodoxia católica, que se situou aquém da polarização a que chegou o Bispo de Hipona<sup>20</sup>. Todavia, esta posição mais ponderada também se pode encontrar no próprio Agostinho se, como sugere Marrou, atendermos não apenas aos escritos anti-pelagianos, mas também ao resto do seu magistério<sup>21</sup>. Contudo, os exageros não deixaram de existir e permanecem patentes na obra agostiniana.

Como se poderá, assim, retomar com toda a verdade e com toda a bondade o tema da predestinação? Sempre há a possibilidade de o anular da reflexão teológica, para não haver o risco de bloquear o avanço do pensamento. No entanto, Henri-Iréné Marrou discordaria dessa posição. Afirma-o quase solenemente na sua *Teologia da História*: “é preciso reencontrar o valor profundo e permanente da noção essencial à nossa fé de ‘predestinação’ o chamamento lançado por Deus àqueles que escolheu e amou antes da fundação do mundo (Ef 1, 4)”<sup>22</sup>.

Marrou introduz o tema da predestinação sob duas ordens de grandeza. Primeiro, na noção de *chamamento de Deus*, portanto da Sua vontade. Segundo, na etimologia do termo *chamamento*, que dirá, em última instância, respeito à Igreja, e portanto ao conjunto dos chamados<sup>23</sup>. A argumentação provoca uma renovação do projeto teológico e, poder-se-ia dizer, um novo projeto do *homo christianus*: uma nova Antropologia que se constrói a partir da trama da história. O projeto que Marrou pretende encetar tem um absoluto, que é Deus. Afirma: “No ponto de partida de toda a reflexão, é preciso afirmar que Deus existe [...]; e nós sabemos que ele existe, sustentando todos os seres, e é o senhor da história; o que ele faz é conhecê-la, tudo o que ocorre só acontece porque ele quis ou permitiu”<sup>24</sup>.

Mas a reflexão sobre a predestinação surge da noção de Igreja, enquanto conjunto de pessoas chamadas por Deus. Marrou sentiu a necessidade de afirmar a noção de conjunto, de grupo, de comunidade. Esta dificuldade surgiu a partir de um atrofiamento da escatologia<sup>25</sup>. Neste passo, o autor não deixa de reconhecer a responsabilidade de Santo Agostinho para este facto<sup>26</sup>. É assim necessário retor-

20 Cf. Henri-Iréné Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 56-57.

21 Cf. Henri-Iréné Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 57.

22 Henri-Iréné Marrou – *Teologia da História...*, p. 77.

23 Cf. Henri-Iréné Marrou – *Teologia da História...*, p. 77.

24 Henri-Iréné Marrou – *Teologia da História...*, p. 23; referindo-se a Marrou, comenta Gianluigi Pasquale: “O ponto de partida incoactivo de toda a reflexão escolhido por Marrou é, portanto, a noção revelada que Deus existe e é o padrão da história, à qual se junta a outra concernente à revelação da economia do plano salvífico divino – da *dispensatio* temporal – segundo a qual o “segredo” da história é aquele de trazer de volta a um único chefe todas as coisas (Ef 1, 9-10) fazendo, assim, a história, a história da salvação” (Gianluigi Pasquale – *La teologia della storia della salvezza nel secolo XX*. Bologna: EDB, 2002, 359).

25 Cf. Henri-Iréné Marrou – *Teologia da História...*, p. 16-18.

26 “Inútil sublinhar os embaraços inextricáveis a que esta recolha inicial conduziu a teologia, por exemplo, a respeito da predestinação pessoal, considerada isoladamente da de «Cristo total»” (Henri-Iréné Marrou – *Teologia da História...*, p. 15).

nar às noções de Igreja, enquanto conjunto de fiéis. Não apenas como somatório, mas como corpo, como conjunto orgânico<sup>27</sup>. Desta consciência de sociedade, de vida social, está dependente a questão do sentido da história, de forma especial nos tempos de luta e de catástrofe: “A vida pessoal fechada, então, explode e, na fraternidade de uma miséria comum ou na exaltação de um combate travado em conjunto, o homem redescobre que está inserido num movimento de dimensões e de alcance gigantescos: então, ele não pode mais evitar a questão: tem a história um sentido?”<sup>28</sup>. Marrou afirma que o cristão tem resposta a esta questão<sup>29</sup>.

Um dos principais contributos oferecido por Marrou para a teologia da história reside na sua visão do curso do tempo<sup>30</sup>. Representa-o como um tríptico: no centro, a Encarnação do Verbo. Durou pouco tempo mas “é sobre este grande quadro que deve deter-se de preferência a nossa meditação, voltar a ele sem cessar, pois é aí que se dá todo o essencial, onde se ata e desata o drama da história”<sup>31</sup>, afirma. Mas apesar do central ser o que afirma o essencial, o autor é cauteloso a assinalar a importância dos outros dois; com efeito, “eles têm o seu lugar na arquitetura do conjunto”<sup>32</sup>. Assim sendo, no quadro da esquerda temos os séculos que antecederam a Encarnação: “as épocas do Antigo Testamento, ou, para falar mais precisamente, da lenta preparação evangélica pela qual Deus «de múltiplas maneiras dispunha o género humano a ajustar-se à salvação»”<sup>33</sup>. “O essencial deste primeiro ato realiza-se na história do povo escolhido, eleito, bem-amado”<sup>34</sup>.

Se o quadro central é o essencial, podemos pensar que o subsequente terá muito menos importância. Isto di-lo Marrou: “o quadro central é aquele que apresenta todo o essencial”<sup>35</sup>. Tudo o que acontece a partir daí tem sempre a sua

27 Cf. Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 15-16; ainda a este respeito, é importante assinalar o que é dito sobre o processo histórico pelo qual passou o Cristianismo: “O esquecimento da autêntica teoria da história, que é preciso reconhecer ter sido quase total, explica-se, parece-me, a partir do momento em que nele reconhecemos um corolário desse individualismo religioso que marcou tão profundamente o Cristianismo tal como foi vivido e compreendido nas nossas sociedades ao longo das gerações, ou melhor, dos séculos que nos precederam – desse individualismo mais ou menos radical que se nos afigura hoje como um desvio tão grave da autêntica mensagem cristã, tanto no plano das consequências práticas que dele derivam quanto no plano doutrinário” (Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 14).

28 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 18.

29 “O cristão deve afirmar-se como aquele que apoiando-se na palavra de Deus, é o portador indigno da resposta à questão proposta, e esta resposta é uma boa-nova: sim, a história tem um sentido, um valor, um alcance, ela é a história da salvação, *Heilsgeschichte*” (Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 26).

30 Cf. Gianluigi Pasquale – *La teologia della storia della salvezza nel secolo XX...*, p. 360.

31 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 26; cf. Pierre Riché – *Henri Irenée Marrou...*, p. 191.

32 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 26.

33 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 26; a citação entre aspas refere-se a Santo Ireneo – *Adversus Haereses*, IV, 14, 2.

34 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 26.

35 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 27; “em certo sentido podemos dizer de todo o acontecimento que puder acontecer de agora em diante que ele é como nada quando medido na escala da Encarnação e da Paixão do Verbo divino (Nosso Senhor era Deus e homem ao mesmo tempo, e nós somos apenas homens)” (Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 27).

última referência àquele. Assim tudo se torna relativo. Podia até não acontecer mais nada, porque tudo estava decidido. “Contudo, está a acontecer alguma coisa, já que o retorno glorioso de Cristo que deve marcar o acabamento, a consumação da história do mundo ainda não se produziu”<sup>36</sup>. Entre o quadro central e aquele acontecimento que consumará a História, decorre um tempo, o tempo de espera, o tempo da Igreja, o tempo do misterioso crescimento<sup>37</sup>. “O tempo da Igreja está em curso, a história não se acabou e cabe a nós, agora, ao nosso esforço e à nossa ação, contribuir para escrevê-la, trabalhar de nossa parte para o seu acabamento”<sup>38</sup>. Há uma tensão que se deve manter: “É preciso exorcizar a tentação do quietismo à qual poderia conduzir uma insistência unilateral sobre a grandeza e a eficácia da obra realizada por Cristo”<sup>39</sup>. Com efeito, “se Deus quis que um intervalo de tempo se estendesse entre a Ascensão e o último dia do mundo, este intervalo entre os dois adventos do Verbo encarnado não pode ser um tempo vazio”<sup>40</sup>. As parábolas de Jesus elaboram assim um esboço de uma teologia da história<sup>41</sup>, deste tempo de espera, de modo que “Deus não nos deixou na ignorância do que se realiza invisivelmente na profundidade da história, desta história, da nossa história”<sup>42</sup>.

Há uma profunda ambivalência da História. Ela é sempre feita de coisas boas e de coisas más. O primeiro olhar está sempre tentado a dar um maior relevo às coisas más, ao pecado, ao negativo do processo histórico<sup>43</sup>. A este respeito, podemos escutar o que afirma Marrou:

36 Henri-Irénéé Marrou – *Teologia da História...*, p. 28.

37 Cf. Henri-Irénéé Marrou – *Teologia da História...*, p. 28-29.

38 Henri-Irénéé Marrou – *Teologia da História...*, p. 30.

39 Henri-Irénéé Marrou – *Teologia da História...*, p. 30; esta afirmação é de de Santo Inácio de Loyola nos seus *Exercícios Espirituais*: «Habitualmente não devemos falar muito de predestinação; mas se, de alguma maneira e algumas vezes, se falar, faça-se de maneira que o povo simples não venha a cair nalgum erro, como acontece, algumas vezes, ao dizer: “se tenho de me salvar ou condenar, já está determinado, e não é por eu fazer bem ou mal que pode acontecer outra coisa”. E assim relaxam-se e descuidam as obras que conduzem à salvação e ao proveito espiritual de suas almas» (Inácio de Loyola – *Exercícios Espirituais*. Braga: Apostolado de Imprensa, 1999, n. 367).

40 Henri-Irénéé Marrou – *Teologia da História...*, p. 30.

41 Cf. Henri-Irénéé Marrou – *Teologia da História...*, p. 29.

42 Henri-Irénéé Marrou – *Teologia da História...*, p. 31.

43 «Basta levar um pouco mais adiante a análise para fazer aparecer a ambivalência radical do tempo da história, não do tempo considerado como quadro abstrato, categoria mais ou menos fundamental do ser ou do pensamento, mas do tempo vivido, ocupado e preenchido pela obra e pela ação do homem. Ora, este tempo vivido revela-se de uma natureza bem mais complexa, ambivalente, ambígua do que supunha o otimismo dos modernos, que, extrapolando com confiança a experiência da evolução e da técnica, não queriam ver nele senão um “fator de progresso”, fazendo do devir um verdadeiro ídolo. Para se furtar de tal intoxicação, não será mau colocarmo-nos por instantes na escola da sabedoria antiga. Para os antigos, filósofos do ser, o devir não é o processo fecundo, gerador de um acréscimo de ser, como as nossas sensibilidades modernas se habituaram a concebê-lo na escola de Hegel ou de Bergson; para eles, tudo o que acede ao ser pelo devir é necessariamente, por isso mesmo, votado à degradação, φθορά, e à morte» (Henri-Irénéé Marrou – *Teologia da História...*, p. 42).

“O fracasso, pelo menos relativo, é a lei de toda a história, lugar de tantas derrotas, onde as próprias vitórias, sempre pagas demasiado caro, são sempre parciais e precárias. É preciso saber encarar isto de frente: para não ser por seu lado ameaçada de insipidez, a fé cristã deve ter enfrentado esta visão sinistra, deve ter sentido a horrível asa do desespero roçar a sua frente. Somente então ela pode professar sem confusão nem transferência ilusória que através de todos estes dramas, todos estes sofrimentos, estes fracassos aparentes, o plano divino da salvação ainda se realiza e avança com um passo seguro para o triunfo da sua realização”<sup>44</sup>.

Esta ambivalência introduz o historiador e o teólogo – e qualquer crente – na questão central do sentido, e mais do que o sentido pura e simplesmente enunciado, na questão do sentido da vida, da sustentação do real. Afirmar Marrou: “Que o sentido da história nos seja, como vimos, de agora em diante dado de uma maneira segura não significa que possamos conhecer, possamos compreender tudo o que acontece nesta história à medida que o acontecimento produz”<sup>45</sup>. Com efeito, conclui, “o que constitui a realidade profunda da história, o que através do tempo se constrói, o que cresce, Cidade de Deus, Corpo místico de Cristo, é por natureza algo que não é da ordem da experiência sensível e foge necessariamente em grande parte à nossa visão”<sup>46</sup>.

Em suma, o elemento essencial de toda a reflexão é a importância do tempo, a sua capacidade de ser portador da obra de Deus: “tanto na história santa [da] primeira Aliança como na história evangélica já evocada, vemos que se afirma a cada passo o mesmo carácter, a saber, que o tempo da história humana está inseparavelmente unido à realização desta ‘economia’ divina e salvadora”<sup>47</sup>. Assim, o tempo é essencial: “atributo da criação, nascido com ela e inseparavelmente ligado a ela, o tempo foi escolhido por Deus como vetor da salvação, como modo de realização da sua *oikonomia*”<sup>48</sup>.

44 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 45-46; Marrou usa ainda outra imagem: “Esta é a ambivalência da história; ao traduzir a conferência que dei a este respeito em Montreal em 1950, R. Lorenz escolheu como título está fórmula expressiva: *Das janusantlitz der historischen Zeit* [ver Carl Andresen – *Zum Augustin-Gespräch der Gegenwart*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1962, p. 349-396]; é verdade: a história apresenta-se à reflexão do filósofo ou do teólogo que busca explicá-la como o *Janos* da mitologia romana, com uma dupla face: uma sinistra e outra sorridente, voltadas uma para o Bem e o desabrochar do ser, outra para o Mal, a dissolução, a destruição, o não-ser, *historia anceps, bifrons*” (Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 46).

45 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, 48; com efeito, uma visão absoluta e acabada do conhecimento histórico “equivale a confundir uma visão autenticamente cristã da História (maiúscula!) com uma história conhecida da Igreja, identificando o ponto de vista de Deus com o dos homens que constituem a parte visível da Igreja e, por bem intencionados que sejam, não são jamais senão homens” (Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 50).

46 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 48-49.

47 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 27.

48 Henri-Irenée Marrou – *Teologia da História...*, p. 27.



### 3. Rumo a uma teologia da liberdade

O último capítulo da *Teologia da História* de Marrou é intitulado «Uma teologia da liberdade». A liberdade e o livre-arbítrio são os temas que automaticamente surgem justapostos à predestinação<sup>49</sup>. Se o ser humano é predestinado, qual o lugar da liberdade?

A liberdade é a chave que permite compreender como o ser humano, não obstante a onisciência divina, é ele mesmo o construtor da Cidade de Deus juntamente com o seu Senhor. Aqui será importante assinalar os limites a que está sujeito o próprio ser humano, desde a sua corporeidade até aos limites dos níveis de pertença. É aqui que fica clara a tensão entre liberdade e predestinação: o acento deixa de ser colocado simplesmente no somatório dos atos que seriam ‘pesados’ no juízo. É a partir de uma visão mais alargada de existência humana – visão essa que só pode ser compreendida à luz da categoria de comunhão – que se revela o sentido da história, a Cidade de Deus construída de facto. Procura-se assim abandonar todo o individualismo que ainda poderia estar latente<sup>50</sup>.

Muitos mitos da antiguidade ilustram “bem o que é de facto o duro e dececionante trabalho de construir a civilização, tarefa sempre inacabada, sempre a retomar”<sup>51</sup>. Mas, continua Marrou:

“Esta convicção que extraímos da experiência histórica seria para nós muito amarga se não soubéssemos por outro lado que a verdadeira história realiza-se invisivelmente através destas vicissitudes, tentativas, traições e fracassos; se não soubéssemos que apesar das aparências nada está definitivamente perdido dos esforços e dos sofrimentos dos homens, e que um dia virá em que veremos todas as lágrimas enxugadas dos seus olhos e que, entretanto, tudo o que se realiza de positivo na ordem do ser é a cada instante armazenado nas eternas moradas”<sup>52</sup>.

Chegar a esta verdade do curso da história é libertador<sup>53</sup>. Mas qualquer quietismo deve ser sempre recusado: “o fervor da nossa esperança não está ligado aos resultados empiricamente observáveis da nossa ação, mas à promessa divina”<sup>54</sup>.

49 Cf. Henri-Irénée Marrou – *Santo Agostinho e o agostinismo...*, p. 56.

50 A vida de Marrou experimentou também o período da celebração do II Concílio do Vaticano. Pode-se assinalar que será a conceção da História e da Igreja de Marrou a que será assumida como essencial e chave hermenêutica para o próprio acontecimento conciliar. Efetivamente, o Sínodo dos Bispos de 1985 assumiu a «Eclesiologia de comunhão» como a Eclesiologia fundamental para compreender o II Concílio do Vaticano: “A eclesiologia da comunhão é a ideia central e fundamental nos documentos do Concílio” (Assembleia do Sínodo dos Bispos de 1985 – Relatio finalis. In *L’Osservatore Romano* [edição portuguesa]. 51 [22 de dezembro de 1985] 7).

51 Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 148.

52 Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 148.

53 Cf. Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 148.

54 Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 148-149.

Mas cada indivíduo tem o seu papel insubstituível: “O mal, o sofrimento que não podemos aguentar mais; é preciso agir e o que será a ação senão um esforço para inserir na cidade do homem algo dos valores absolutos que chamamos a verdade, a justiça, a paz, a fraternidade e o amor”<sup>55</sup>. Mas em toda a situação o homem encontra-se sempre imerso numa complexa teia de circunstâncias, motivos e outros indivíduos. Afirma Marrou: “a complexidade do real sobre o qual precisamos agir é tal que não é fácil, nem mesmo geralmente possível, medir o alcance exato de uma decisão, de um gesto, de uma ação”<sup>56</sup>.

Mas até neste contexto é importante que o homem cristão descubra que não está sozinho. Até mesmo as divisões que se vivem entre os cristãos são sinal de que ainda estamos na Terra, de que a escatologia que já desponta na vida ainda está limitada à nossa condição terrena<sup>57</sup>. Assim, irredutivelmente afirma Marrou: “É preciso meditar sempre mais profundamente sobre a relação estreita que liga o mistério da história ao mistério da nossa liberdade: o Criador quis dotar o homem deste atributo essencial que se constitui em nossa honra e nossa grandeza. A fé não nos livra do fardo às vezes temível que é a liberdade”<sup>58</sup>. Mas o Homem não está sozinho: “o cristão sabe além disso que ele não está limitado apenas às suas forças: saberá fazer com que entre em jogo o recurso da graça e esperar do Espírito o dom do conselho”<sup>59</sup>.

## Conclusão

O caminho por nós percorrido até aqui visou evidenciar os aspetos centrais para a compreensão do tema da predestinação em Henri-Irénée Marrou e alguns desafios que podem decorrer da sua reflexão. É antes de tudo uma reflexão de um historiador, embrenhado em temas teológicos, e que da sua experiência como historiador lança um olhar teológico sobre a História. Mas não deixa, muito ao seu estilo, de evocar sempre a fé como uma experiência pessoal que tem consequências para a própria forma como se olha a história sem, por sua vez, comprometer a objetividade necessária.

A predestinação permanece uma questão colocada à Teologia e que necessita de aprofundamento. Como notámos, Marrou apresenta uma verdadeira recon-

55 Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 149.

56 Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 149.

57 “É preciso ver que estas divisões resultam necessariamente da condição presente do homem: não obstante a nossa lição sobre a escatologia incipiente, é preciso que nos persuadamos de que ainda não ressuscitámos, ainda não chegou o dia em que nos conheceremos como somos conhecidos, neste momento o nosso conhecimento permanece imperfeito ainda (1Cor 13, 12)” (Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 149).

58 Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 150.

59 Henri-Irénée Marrou – *Teologia da História...*, p. 150.

figuração da questão quando, fazendo como que o exame crítico da posição de Santo Agostinho, recondu-la nos dois vetores evidenciados. Primeiro, a predestinação visa o *Christus totus*, todo o corpo eclesial e, portanto, as dificuldades devem ser ultrapassadas compreendendo o aspeto social que identifica, ou deve identificar, a vida cristã. Segundo, o primado absoluto de Deus como pedra basilar que caracteriza a visão cristã do Mundo e da História e, por isso, a constatação de que a fé cristã tem relevância para a realidade, para a construção concreta do mundo e da Cidade de Deus, futura e já presente.

Repensar a predestinação, assim, significa resgatar o tema do individualismo em que foi tratado, para o inserir numa Ecclesiologia. Isso é particularmente claro quando se refere a noção de comunhão. A construção da vida em sociedade surge como sendo mais que um somatório de indivíduos, pelo menos do ponto de vista cristão. A predestinação refere, deste modo, a vocação mais alta do ser humano, quando a radica no chamamento de Deus. A liberdade torna-se uma grandeza que tem Deus não como limite, mas como libertador: o Homem é tanto mais livre quando mais tem as suas capacidades ‘expandidas’ pela própria vida da fé. Deus, como absoluto em Si, quando é absoluto para cada um, confere uma extensão maior à realidade da vontade e liberdade humana.

A questão da predestinação não foi posta de lado. Não foi esquecida nem secundarizada. É um tema com direito de cidadania na Teologia e na História. É uma visão que transforma a própria realidade. Da aceitação ou não da referida doutrina, predicam-se modos diferentes de viver e de construir a sociedade.

Uma adequada visão sobre este tema remete, de forma especial no Cristianismo, para a própria ideia da construção da Igreja, como Corpo constituído por muitos. Os cristãos avançam na penumbra e constroem o mundo presente com os olhos postos naquela cidade invisível, a cidade eterna, a cidade de Deus. A predestinação não livra a pessoa da liberdade, e se é predestinada, é porque é chamada a fazer a diferença no Mundo, a construir e a fecundar a cidade terrena com os valores evangélicos. O ser humano é, ao final de contas, predestinado a ser livre.